



BELPOLITI, Marco. *Primo Levi di fronte e di profilo*. Milano: Ugo Guanda Editore, 2015. 736p.

## Primo Levi di fronte e di profilo de Marco Belpoliti<sup>1</sup>: uma resenha

**Anna Palma\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil  
floripalma@gmail.com

Depois de uma breve apresentação do volume e do autor realizada pelo editor, o último dos livros de Marco Belpoliti dedicado às obras de Primo Levi começa com uma “Introdução, na qual se explica por que e como foi escrito este livro no curso do tempo”,<sup>2</sup> na qual Belpoliti inicia um percurso memorialístico para lembrar dos episódios e momentos da sua vida nos quais teve contato pela primeira vez com os trabalhos de Primo Levi, em uma época na qual ele ainda não era um escritor muito em voga entre os estudantes, na década de 1970. Isso também porque Levi “não era um dos protagonistas da discussão quotidiana da época”, não participava dos vários debates sobre as reivindicações políticas daqueles anos. A motivação que mais emerge entre aquelas que Belpoliti utiliza para justificar o ‘atraso’ com o qual a sua geração de críticos literários tem se dedicado a um amplo e profundo estudo das obras de Primo

---

<sup>1</sup> Informações sobre o autor da página web da enciclopédia Treccani (<https://www.treccani.it/enciclopedia/marco-belpoliti/>): Belpoliti, Marco. - Crítico literário e escritor italiano (nascido em Reggio Emilia em 1954). Formado em Letras e Filosofia na Universidade de Bolonha, discutindo uma tese em Semiótica com Umberto Eco, ensina Sociologia da literatura e Literatura italiana na Universidade de Bérghamo. Seus interesses de pesquisa se concentram na literatura italiana contemporânea, tem curado, entre outros, várias edições das obras de Primo Levi. Colaborador das páginas culturais de *La Stampa* e *L'Espresso*, com S. Chiodi fundou e dirige o site cultural Doppiozer.com. Entre as suas publicações lembramos: *Settanta* (2001), *Doppio zero. Una mappa portatile della contemporaneità* (2003), *Crolli* (2005), *La prova*, (2007), *La foto di Moro* (2008), *Il tramezzino del dinosauro* (2008), *Il Corpo del Capo* (2009), *Senza vergogna* (2010), *Pasolini in salsa piccante* (2010), *La canottiera di Bossi* (2012), *Da quella prigionia* (2012), *L'età dell'estremismo* (2014), *Primo Levi di fronte e di profilo* (2015), *La strategia della farfalla* (2016), *Chi sono i terroristi suicidi* (2017) e, ambos em 2021, *Pianura* (Prêmio Comisso 2021) e o catálogo fotográfico *Photo Levi*” (Tradução nossa).

\* Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Todas as citações diretas foram traduzidas por mim, não tendo encontrado até hoje nenhuma tradução brasileira deste livro.



Levi, é a tardia descoberta de quanto Levi fosse “acima de tudo um escritor único e extraordinário”, além de ser “a testemunha do extermínio hebraico”. Depois de cerca de vinte anos dedicados ao estudo e à publicação de números de revistas e volumes sobre as suas produções, Marco Belpoliti é sem dúvidas um especialista conceituado do autor nascido em Turim e, como tal, reivindica seu caráter poliédrico na temática da sua escritura que ainda pode desvelar novas possibilidades interpretativas.

O texto introdutório continua com a parte que leva o simpático título de “Instruções para o uso”, na qual o crítico adverte os leitores que o formato deste livro vai além da proposta de uma leitura ensaística guiada por uma lógica de continuidade da primeira até a última página, com a qual normalmente nos aprontamos para ler também as produções críticas. *Primo Levi di fronte e di profilo* [Primo Levi de frente e de perfil], que conta do poliedro-Levi, seria mais um “dicionário” e um texto “enciclopédico, do que uma coletânea tradicional de ensaios”. Pensado também para “quem ensina ou estuda as obras de Levi”, é definido por Belpoliti um livro-Beaubourg, já que “coloca em mostra tudo que normalmente se esconde (estruturas de sustentação, elevadores, escalas rolantes, encanamento, etc.)”, e é aconselhada uma “leitura descontínua”.

Mais um elemento distintivo são os títulos dos capítulos, “verdadeiras frases, descritivas do conteúdo do capítulo”, que Belpoliti diz ter retomado de certos livros antigos e que lembram também os subtítulos dos jornais italianos.

Nas “Instruções para o uso”, ainda, estão listadas as diferentes partes que compõem este volume dedicado a Primo Levi e que se apresenta particularmente envolvente. São elas, na ordem listada pelo autor: dez fotos de Primo Levi acompanhadas por textos curtos que as descrevem e contam os fatos a elas ligados; a história dos livros escritos por Levi: uma espécie de crítica genética ligada às peripécias editoriais; os lemas, escritos como entradas de enciclopédias ou ensaios mais ou menos breves, que podemos considerar temas ou palavras-chave presentes em uma ou mais obras; os ensaios, que aprofundam alguns pontos e características dos escritos; diferentes seções de bibliografia, dividida entre aquela inerente ao livro (das obras críticas e dos livros de Levi citados) e aquela de aprofundamento, com indicações de leituras para quem queira se dedicar à pesquisa; finalmente, os “índices das obras de Primo Levi citadas no livro” e o “índice dos nomes” com as pessoas nomeadas nos textos mas que não estão presentes nas bibliografias. O último capítulo contém “A vida de Primo Levi: aspectos principais”.

Na versão digital do livro resulta ainda mais sugestivo seguir a proposta de Belpolito, já que se tem a disposição um sumário com os títulos linkados para poder correr pelas diferentes seções acessíveis imediatamente com um clique, para depois voltar novamente ao sumário se dar conta, após algumas leituras randomizadas, que estamos diante de um texto enciclopédico sobre o homem e sobre o escritor (e autor-artista em



variados campos) Primo Levi, e sobre toda a sua obra. Podemos sem nenhuma dúvida afirmar que Belpolito conseguiu doar aos seus leitores o prometido.

Colocamo-nos por um momento no lugar do neo-leitor da obra de Levi que poderia, por exemplo, iniciar pela série dos retratos com a descrição, e passar depois para o significado dos lemas que mais o intrigam, ou à descrição de um dos tantos nomes na lista “Animais”, antes de introduzir-se nos estudos sobre os ensaios, contos e romances. Entre eles, o mais aprundado e rico, obviamente, é a entrada intitulada “É isto um homem”, dedicada justamente à primeira e mais conhecida publicação de Primo Levi, que o consagrou como escritor-testemunha do Holocausto, termo que, como aprendemos do lema com o mesmo nome, era rejeitado por Levi desde o início pela “sua referência aos sacrifícios de animais feitos aos deuses e lembra que Elie Wieses, aquele que o tinha criado, em seguida se arrependeu, e teria gostado de retirá-lo”. Mas, ao mesmo tempo, é raro “em Levi também o uso do termo hebraico Shoah («distruição»), e somente no decorrer das entrevistas, nas quais é introduzido por outros interlocutores, muitas vezes judeus”. Os outros lemas da mesma seção são: Deportados; Lager; Mussulmano, Nomes próprios; Tempo; Eu/Nós; Deposições; Heinz Riedt; Alemães; Umberto Saba.

Heinz Riedt é o tradutor alemão de *É este um homem?*, e é um personagem singular e particularmente interessante, devido também à importância que Levi atribuía ao lançamento do seu livro na Alemanha e à preocupação com a reação que poderiam ter os alemães. Lendo este lema/digressão dedicado à importância do tradutor pela transposição de uma obra na cultura de um povo (que neste caso era também o culpado direto do extermínio contra os judeus e outras minorias), descobrimos que Riedt se revelou uma surpresa agradável para Levi, já que com ele tinha muitas histórias em comum: tinha lutado entre os voluntários de resistência em Pádua e o seu sogro tinha ficado preso em Auschwitz.

A alternância entre reflexões mais profundas ligadas aos temas da guerra e da Shoah e as leituras leves como parênteses recreativas, de fatos curiosos da vida de Primo Levi, está presente em toda a estrutura de *Primo Levi di fronte e di profilo*, cuja poética – independentemente da escolha do formato dicionário-enciclopédia, estamos diante de uma obra estudada, e movida pela interpretação do discurso de Levi na sua totalidade – parece refletir a rejeição da tragédia em favor da “comédia” da poética de *É este um homem?*, que Marco Belpoliti descreve no ensaio intitulado “*É este um homem? é uma comédia ou uma tragédia?*”.

Este capítulo pode ser, portanto, a meu ver, a chave de leitura seja de toda a obra-monumento (de) Primo Levi, que deste livro enciclopédico a ela dedicado. Belpoliti o inicia lembrando de que para o seu primeiro e mais famoso volume “o autor-guia de Levi, a sua referência ética e linguística, é Dante, mentor ideal na terrível viagem *no*



*fundo, no anis mundi de Auschwitz*”, e observa como “[o] livro apresenta páginas sombrias que evocam mais de uma vez os temas da tragédia clássica, todavia também nesses trechos está presente um elemento cômico”. Outro elemento fundamental para compreender a inadequação da tragédia é que para Levi, assim como para Kafka, “não existe mais a noção de culpa necessária para que subsista, como gênero literário, a tragédia”. Em Kafka existe a culpa mas não haveria nenhum modo de redenção possível, enquanto Levi, em *É este um homem?*, “nega a ideia de uma culpa, e não sugere nunca a inocência das vítimas; do seu horizonte está ausente a própria ideia de sacrifício e a sua aparência de sacralidade”. Para Dante, ao invés, “existe a possibilidade de uma conciliação cômica entre a inocência pessoal e a culpa pessoal. Desloca através da teoria da vergonha da culpa natural trágica a uma culpa pessoal cômica”. Este seria um dos elementos que afasta Levi da sua ‘guia’, enquanto outro colocado em evidência pelo crítico é “a concepção de *vergonha*”, presente na Divina Comédia. Citando Agamben, Belpoliti lembra que “Dante cumpre a experiência da humilhação cômica” quando é purificado “sentindo vergonha diante de Beatriz”, enquanto Levi, por sua vez, refutaria a vergonha. “Sendo inocente, o personagem-Levi de *É isto um homem?* Não pode aceitar de jeito nenhum a diminuição da vergonha (o tema volta com força no homônimo capítulo de *Os afogados e os sobreviventes*)”.

*A Trégua* é o segundo livro de Levi, escrito entre 1961 e 1962 e construído, como o anterior, “através de contos breves organizados em macro-sequências, que rodam em torno de personagens e acontecimentos específicos”. Logo depois da história do livro encontramos alguns lemas como Trem, Viagem, Mapas, já que *A Trégua* fala da sua viagem de volta para a Itália, e é caracterizado por um tom humorístico e picaresco. “Como o próprio Levi escreve no prefácio à edição escolar de 1965, apresenta-se como um livro mais literário do que o anterior, ou pelo menos mais deliberadamente literário”. No lema Teatro, é sublinhada a evidência de uma pesquisa dramaturgica paralela à sua narrativa, demonstrada também das “citações de obras e textos teatrais nos seus livros, sinal de certa atenção pelo teatro de toda uma vida” e pela escolha de uma “forma-diálogo [...] muitas vezes presente nas páginas de Levi”.

*Storie naturali* [Histórias naturais] é um volume de quinze contos assinados com o pseudônimo Damiano Malabaila e publicado em 1966, apesar de o autor já revelar, indiretamente, sua identidade na orelha da capa. Belpoliti recorre a uma carta do próprio Levi, escrita para a tradutora romena de *É isto um homem?* Para explicar a escolha do título, que seria carregado de ironia considerando que “em primeiro lugar, trata-se das histórias menos ‘naturais’ que alguém possa imaginar (mesmo que a linguagem na qual estão escritas simula quase sempre o jargão tranquilo e frio das



relações científicas): em segundo lugar, levam como epígrafe uma citação de Rabelais [...]”<sup>3</sup>

Entre os lemas presentes logo depois da história deste livro, não poderia faltar Ficção científica, no qual o crítico literário observa como “[m]uitos dos contos pertencentes a *Storie naturali*, *Vizio di forma* e *Lilít* podem ser definidos de ficção científica; como o são todos nos quais as «máquinas» assumem um papel relevante [...]”.

Ao primeiro volume de contos segue um segundo, intitulado *Vizio di forma* [Vício de forma]. Trata-se de vinte contos publicados em 1970 e que inicialmente deveria se chamar *Desumanismo*, termo “que evoca questões ligadas ao Lager, aos campos de extermínio e ao uso da ciência no mundo contemporâneo”. Na sua introdução Levi se refere, como lembra Belpoliti, a um “vício de forma”, percebido como uma “estria” no mundo no qual vivemos e “que vanifica um e outro aspeto da nossa civilização ou do nosso universo moral” (LEVI apud BELPOLITI, 2015). Três lemas seguem a apresentação deste volume, e são: Jogos, Inventar e Criação/Evolução.

*Primo Levi di fronte e di profilo continua ainda apresentando na ordem cronológica – se considerarmos a paginação – toda a obra do escritor de Turim intercalada por ensaios sobre temas específicos, por conjuntos de lemas e pelos retratos, constituindo uma contribuição única e imprescindível para todos os leitores e pesquisadores de Primo Levi.*

\*\*\*

---

<sup>3</sup> LEVI, carta a Condrea Derer, 29 de maio de 1973 citado por BELPOLITI, 2015.





### ***Primo Levi di fronte e di profilo*<sup>4</sup> di Marco Belpoliti<sup>5</sup>: una recensione**

Dopo una breve presentazione del volume e dell'autore realizzata dall'editore, l'ultimo dei libri di Marco Belpoliti dedicato alle opere di Primo Levi comincia con una "Introduzione, dove si spiega perché e come è stato scritto questo libro nel corso del tempo", in cui il critico, in un percorso memorialistico, ricorda gli episodi e i momenti della sua vita in cui è venuto a contatto con i lavori di Primo Levi, in un'epoca in cui Levi ancora non era uno scrittore molto in voga tra gli studenti, durante gli anni '70. Questo anche perché Levi "non era uno dei protagonisti della discussione quotidiana dell'epoca"<sup>6</sup>, non partecipava ai vari dibattiti sulle rivendicazioni politiche di quegli anni. La motivazione che più spicca fra quelle che Belpoliti utilizza per giustificare il 'ritardo' con cui la sua generazione di critici letterari si è dedicata ad un ampio e profondo studio delle opere di Primo Levi, è la tardiva scoperta di quanto Levi fosse "soprattutto uno scrittore unico e straordinario", oltre ad essere "il testimone dello sterminio ebraico". Con circa vent'anni dedicati allo studio e alla pubblicazione di numeri di riviste e volumi saggistici sull'opera leviana, Marco Belpoliti è tra i più autorevoli specialisti dell'autore torinese e, come tale, ne sottolinea il carattere poliedrico nella tematica della scrittura che ancora può svelare nuove possibilità di approfondimenti.

---

<sup>4</sup> BELPOLITI, Marco. *Primo Levi di fronte e di profilo*. 1<sup>a</sup> ed. digitale Milano: Ugo Guanda Editore, 2015. 736 p.

<sup>5</sup> Informazioni sull'autore dalla pagina web dell'enciclopedia Treccani (<https://www.treccani.it/enciclopedia/marco-belpoliti/>): "Belpoliti, Marco. – Critico letterario e scrittore italiano (n. Reggio Emilia 1954). Laureatosi in Lettere e filosofia presso l'Università di Bologna, discutendo una tesi in Semiotica con U. Eco, insegna Sociologia della letteratura e Letteratura italiana presso l'Università di Bergamo. I suoi interessi di ricerca si incentrano sulla letteratura italiana contemporanea, ha curato tra l'altro diverse edizioni delle opere di Primo Levi. Collaboratore delle pagine culturali de *La Stampa* e *L'Espresso*, con S. Chiodi ha fondato e dirige il sito culturale Doppiozero.com. Tra le sue pubblicazioni si ricordano: *Settanta* (2001), *Doppio zero. Una mappa portatile della contemporaneità* (2003), *Crolli* (2005), *La prova*, (2007), *La foto di Moro* (2008), *Il tramezzino del dinosauro* (2008), *Il Corpo del Capo* (2009), *Senza vergogna* (2010), *Pasolini in salsa piccante* (2010), *La canottiera di Bossi* (2012), *Da quella prigione* (2012), *L'età dell'estremismo* (2014), *Primo Levi di fronte e di profilo* (2015), *La strategia della farfalla* (2016), *Chi sono i terroristi suicidi* (2017) e, entrambi nel 2021, *Pianura* (Premio Comisso 2021) e il catalogo fotografico *Photo Levi*".

<sup>6</sup> Tutte le citazioni dirette presenti in questo testo sono tratte dal libro recensito. Il numero della pagina non è collocato perché si tratta di un'edizione digitale.



Il testo introduttivo continua con la parte che porta il simpatico titolo di “Istruzioni per l’uso”, in cui il critico avverte i lettori che il formato di questo libro va oltre la proposta di una lettura saggistica guidata da una logica di continuità dalla prima all’ultima pagina, con cui di solito ci accingiamo a leggere anche le produzioni critiche. *Primo Levi di fronte e di profilo* sarebbe più un “dizionario” e un testo “enciclopedico, che una raccolta tradizionale di saggi”. Pensato anche per “chi insegna o studia le opere di Levi”, è definito dal suo autore un libro-Beaubourg, visto che “mette in mostra tutto ciò che di solito si nasconde (strutture portanti, ascensori, scale mobili, tubature, ecc.)”, pensato anche per una “lettura discontinua”.

Un altro elemento distintivo sono i titoli dei capitoli, “vere e proprie frasi, descrittive del contenuto del capitolo”, che Belpolito dice di aver ripreso da certi libri antichi e che ricordano anche un poco i sottotitoli dei giornali di oggi.

Nelle “Istruzioni per l’uso”, inoltre, sono elencate le diverse parti che compongono questo volume dedicato a Primo Levi e che lo rendono particolarmente coinvolgente. Esse sono, nell’ordine in cui le elenca l’autore: dieci foto di Primo Levi accompagnate da brevi testi che le descrivono e raccontano i fatti ad esse legati; la storia dei libri scritti da Levi: una sorta di critica genetica legata alle vicissitudini editoriali; i lemmi, scritti come voci di enciclopedie o saggi più o meno brevi, che possiamo considerare temi o parole-chiave presenti in una o più opere; i saggi, che approfondiscono alcuni punti e aspetti degli scritti; diverse sezioni di bibliografia, divisa in quella vera e propria (delle opere critiche citate) e quella di approfondimento, con indicazioni di letture per chi vuole dedicarsi alla ricerca; infine gli “Indici delle opere di Primo Levi citate nel libro” e l’“Indice dei nomi” con le persone nominate nei testi ma non presenti come autori nelle bibliografie. L’ultimo capitolo contiene “La vita di Primo Levi per sommi capi”.

Nella versione digitale del libro risulta ancora più suggestivo seguire quanto proposto da Belpolito, giacché si ha a disposizione un sommario con i titoli linkati per poter spaziare tra le varie sezioni accessibili immediatamente con un click, per poi ritornare di nuovo al sommario e rendersi conto, dopo alcune letture randomizzate, che si è senz’altro di fronte ad un testo enciclopedico e allo stesso pluridimensionale, sull’uomo e sullo scrittore (e autore-artista in vari campi) Primo Levi, e su tutta la sua opera.

Ci immedesimiamo per un momento nei panni del neo-lettore dell’opera leviana che potrebbe, per esempio, iniziare dalla serie dei ritratti con la descrizione, per poi passare al significato dei lemmi che più lo incuriosiscono, o alla descrizione di uno dei tanti nomi nella lista “Animali”, prima di introdursi negli studi sui saggi, racconti e romanzi. Tra questi, il più approfondito e ricco, per ovvie ragioni, è la voce intitolata “Se questo è un uomo”, dedicato appunto alla prima e più conosciuta pubblicazione di Primo Levi, quella che l’ha consacrato come scrittore-testimone dell’Olocausto,



termine questo che, come impariamo nel lemma che porta il suo nome, era respinto da Levi sin dagli inizi per il “suo riferimento ai sacrifici di animali fatti agli dèi e ricorda che Elie Wiesel, colui che lo aveva coniato, in seguito se ne pentì, e avrebbe voluto ritirarlo”. Ma allo stesso tempo, è raro “in Levi anche l’uso del termine ebraico Shoah («distruzione»), e solo nel corso di interviste, dove è introdotto per altro dai suoi interlocutori, sovente ebrei”. Gli altri lemmi di questa sezione sono: Deportati; Lager; Mussulmano; Nomi propri; Tempo; Io/Noi; Deposizioni; Heinz Riedt; Tedeschi; Umberto Saba.

Heinz Riedt è il traduttore tedesco di *Se questo è un uomo*, ed è un personaggio singolare e particolarmente interessante, dovuto anche all’importanza che Levi attribuiva all’uscita del suo libro in Germania, preoccupato com’era per la reazione che avrebbero potuto avere i tedeschi. Leggendo questo lemma/digressione dedicato all’importanza del traduttore, soprattutto in questa delicata trasposizione a cui si accingeva, scopriamo che Riedt si rivelò una piacevole sorpresa per Levi, visto i due avevano molte storie in comune: Riedt aveva, a Padova, combattuto anche lui tra i partigiani e suo suocero era stato prigioniero ad Auschwitz.

L’alternanza di riflessioni più profonde legate ai temi della guerra e della Shoah e di letture leggere come parentesi ricreative di fatti curiosi della vita di Primo Levi, è presente in tutta la struttura di *Primo Levi di fronte e di profilo*, la cui poetica – a prescindere dalla scelta del formato ipertestuale di dizionario-enciclopedia, siamo di fronte ad un’opera studiata e mossa dall’interpretazione del discorso leviano nella sua interezza – sembra riflettere il rifiuto della tragedia a favore della “commedia” come nella poetica di *Se questo è un uomo*, che Marco Belpoliti descrive nel capitolo intitolato “*Se questo è un uomo è una commedia o una tragedia?*”.

Questo saggio potrebbe essere letto anche come chiave di interpretazione sia di tutta l’opera-monumento (di) Primo Levi, sia di questo libro ad essa dedicato. Nella prima parte, Belpoliti ricorda che, nel suo primo e più famoso volume, “l’autore-guida di Levi, il suo riferimento etico e linguistico, è Dante, mentore ideale nel terribile viaggio *sul fondo, nell’anus mundi di Auschwitz*”, e osserva come “[i]l libro presenta pagine cupe che evocano più di una volta i temi della tragedia classica, tuttavia anche in questi brani è presente un elemento comico”. Un altro elemento fondamentale che ci fa comprendere l’inadeguatezza della tragedia è che per Levi, così come per Kafka, “non esiste più la nozione di colpa necessaria perché sussista, come genere letterario, la tragedia”. Subito dopo il critico precisa che in Kafka esiste la colpa ma non ci sarebbe nessun modo di redenzione possibile, mentre Levi, in *Se questo è un uomo*, “nega l’idea di una colpa, e non accenna mai all’innocenza delle vittime; dal suo orizzonte è totalmente assente l’idea stessa di sacrificio e la sua parvenza di sacralità”. Per Dante, invece, “esiste la possibilità di una conciliazione comica tra l’innocenza personale e la colpa personale. Sposta attraverso la teoria della vergogna dalla colpa naturale tragica





a una colpa personale comica”. Questo sarebbe uno degli elementi che allontana Levi dalla sua ‘guida’, mentre l’altro messo in evidenza dal critico è “la concezione di *vergogna*” presente nella Divina Commedia. Citando Agamben, Belpoliti ricorda che “Dante compie l’esperienza dell’umiliazione comica” quando viene purificato “provando vergogna davanti a Beatrice”, mentre Levi, dal canto suo, rifiuterebbe la vergogna. “Essendo innocente, il personaggio-Levi di *Se questo è un uomo* non può accettare in alcun modo la diminuzione della vergogna (il tema ritorna con forza nell’omonimo capitolo di *I sommersi e i salvati*)”.

*La tregua* è il secondo libro di Levi, scritto tra il 1961 e il 1962 e costruito, come il precedente, “attraverso brevi racconti organizzati in macrosequenze, che ruotano intorno a personaggi e singole vicende”. Subito dopo la storia del libro troviamo alcuni lemmi come *Treno*, *Viaggio*, *Mappe*, visto che *La tregua* parla del suo viaggio di ritorno in Italia, ed è caratterizzato da un tono umoristico e picaresco. “Come Levi stesso scrive nella prefazione all’edizione scolastica del 1965, si presenta come un libro più letterario del precedente, o almeno più deliberatamente letterario”. Nel lemma *Teatro*, si sottolinea l’evidenza di una ricerca drammaturgica parallela alla sua narrativa, dimostrata anche dalle “citazioni di opere e testi teatrali nei suoi libri, segno di un’attenzione al teatro durata tutta una vita” e dalla scelta di una “forma-dialogo [...] spesso presente nelle pagine di Levi”.

*Storie naturali* è un volume di quindici racconti firmati con lo pseudonimo Damiano Malabaila e pubblicato nel 1966, anche se nel risvolto di copertina l’autore già rivela, indirettamente, la sua identità. Belpoliti ricorre ad una lettera dello stesso Levi, scritta alla traduttrice rumena di *Se questo è un uomo* per spiegare la scelta del titolo, che sarebbe carico di ironia visto che “in primo luogo, si tratta delle storie meno ‘naturali’ che uno possa immaginare (benché il linguaggio in cui sono scritte simuli quasi sempre il gergo tranquillo e freddo delle relazioni scientifiche); in secondo luogo, portano in epigrafe una citazione di Rabelais [...]”<sup>7</sup>

Tra i lemmi presenti subito dopo la storia di questo libro, non poteva mancare *Fantascienza*, nel quale il critico letterario osserva come “[m]olti dei racconti compresi in *Storie naturali*, *Vizio di forma* e *Lilít* possono essere definiti fantascientifici; lo sono tutti quelli in cui le «macchine» assumono un ruolo rilevante [...]”.

Al primo volume di racconti ne segue un secondo, intitolato *Vizio di forma*. Si tratta di venti racconti pubblicati nel 1970 e che inizialmente si sarebbe dovuto chiamare *Disumanesimo*, termine “che evoca questioni legate al Lager, ai campi di sterminio e all’uso

---

<sup>7</sup> LEVI, lettera a Condrea Derer, 29 maggio 1973 *apud* BELPOLITI, 2015.



*della scienza nel mondo contemporaneo". Nella sua introduzione Levi fa riferimento, come ricorda Belpoliti, a un "vizio di forma", percepito come una "smagliatura" nel mondo in cui viviamo e "che vanifica uno od un altro aspetto della nostra civiltà o del nostro universo morale" (LEVI apud BELPOLITI, 2015). Tre lemmi seguono la presentazione di questo volume, e sono: Giochi, Inventare e Creazione/Evoluzione.*

*Primo Levi di fronte e di profilo continua poi presentando in ordine cronologico - se consideriamo l'impaginazione - tutta l'opera dello scrittore torinese intercalata da saggi su temi specifici, da insiemi organici di lemmi e dai ritratti, costituendo un contributo unico ed imprescindibile per tutti i lettori e studiosi di Primo Levi.*

-----

Recebido em: 10/03/2022.

Aprovado em: 30/03/2022.